

mesquinhos, porque os bens são indispensáveis para viver, mas também porque a experiência lhes ensinou todas as dificuldades em os adquirir e a facilidade com que se perdem. São tímidos e tudo lhes é motivo de temor, porque suas disposições são contrárias às dos jovens; estão como que gelados pelos anos, ao passo que os jovens são ardentes. Por isso a velhice abre o caminho à timidez, já que o temor é uma espécie de resfriamento. Estão apegados à vida, sobretudo quando a morte se aproxima, porque o desejo incide naquilo que nos falta e o que nos falta é justamente o que mais desejamos. São excessivamente egoístas, o que é ainda sinal de pusilanimidade. Vivem procurando apenas o útil, não o bem, e nisso mesmo dão provas de excesso, devido ao seu egoísmo, uma vez que o útil é o bem relativamente a nós mesmos; e o honesto, o bem em si.

Os velhos são mais inclinados ao cinismo do que à vergonha; como cuidam mais do honesto do que do útil, desprezam o que dirão os outros. São pouco propensos a esperar, em razão de sua experiência — pois a maior parte dos negócios humanos só acarretam desgostos e muitos efetivamente são malsucedidos — mas a timidez concorre igualmente para isso. Vivem de recordações mais que de esperanças, porque o que lhes resta de vida é pouca coisa em comparação do muito que viveram; ora, a esperança tem por objetivo o futuro; a recordação, o passado. É essa uma das razões de serem tão faladores; passam o tempo repisando com palavras as lembranças do passado; é esse o maior prazer que experimentam. Irritam-se com facilidade, mas sem violência; quanto a seus desejos, uns já os abandonaram, outros são desprovidos de vigor. Pelo que já não estão expostos aos desejos que cessaram de os estimular e substituem-nos pelo amor do ganho. Daí a impressão que se tem de os velhos serem dotados de certa temperança; na realidade, seus desejos afrouxaram, mas estão escravizados pela cobiça.

Em sua maneira de proceder, obedecem mais ao cálculo do que à índole natural — dado que o cálculo visa o útil, e a índole, a virtude. Quando cometem injustiças, fazem-no com o fim de prejudicar, e não de mostrar insolência. Se os velhos são igualmente acessíveis à compaixão, os motivos são diferentes dos da juventude; os jovens são compassivos por humildade; os velhos, por fraqueza, pois pensam que todos os males estão prestes a vir sobre eles e, como vimos, esta é uma das causas da compaixão. Daí vem o andarem sempre lamuriando-se, e não gostarem nem de gracejar, nem de rir; pois a disposição para a lamúria é o contrário da jovialidade. Tais são os caracteres dos jovens e dos velhos. Como todos os ouvintes escutam de bom grado os discursos conformes com seu caráter, não resta dúvida sobre a maneira como devemos falar, para, tanto nós, como nossas palavras, assumirem a aparência desejada.

Caráter da idade adulta

Os homens, na idade adulta, terão evidentemente um caráter intermédio entre os que acabamos de estudar, com a condição de suprimir o excesso que há nuns e noutros.

Não mostrarão nem confiança excessiva oriunda da temeridade, nem temores exagerados, mas manter-se-ão num justo meio relativamente a estes dois extremos. A confiança deles não é geral, nem a desconfiança, e em seus juízos inspiram-se de preferência na verdade. Não vivem exclusivamente para o belo, nem para o útil, mas para um e outro igualmente. Não se mostram sovinas nem esbanjadores, mas neste particular observam a justa medida.

O mesmo se diga relativamente ao arrebatamento e ao desejo. Neles, a temperança vai acompanhada de coragem e a coragem de temperança, ao passo que nos jovens e nos velhos estas qualidades são separadas; pois a juventude é a um tempo corajosa e intemperante, e a velhice temperante e tímida. Numa palavra, todas as vantagens que a juventude e a velhice possuem separadamente se encontram reunidas na idade adulta; onde os jovens e os velhos pecam por excesso ou por falta, a idade madura dá mostras de medida justa e conveniente. A idade madura para o corpo vai de trinta a trinta e cinco anos; para a alma, situa-se à volta dos quarenta e nove anos*. Tais são os caracteres respectivos da juventude, da velhice e da idade adulta.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959. Livro 8º.



ANÁLISE E REFLEXÃO

1. De que maneira Aristóteles contraria o idealismo de seu mestre?
2. Explique por que Aristóteles é considerado realista em sua concepção educacional.
3. Faça um resumo das características dos jovens, dos velhos e da idade adulta, segundo Aristóteles.

* O ponto de maturidade (acme) é muito usado na cronologia dos gregos. Platão (*República*, VII, 540 a) situa nos cinquenta anos o ponto mais elevado da atividade intelectual.